
O DESAFIO

DAS PESQUISAS

QUALITATIVAS

Márcio Couto Henrique*

Resumo: Neste artigo faz-se uma discussão acerca da especificidade das pesquisas qualitativas, especialmente considerando os fenômenos atinentes à saúde e à doença na região amazônica que, por estarem marcados por uma singularidade cultural, exigem pesquisa qualitativa. A partir do relato de situações vivenciadas em pesquisas de campo, enfatiza-se a importância do pesquisador tentar compreender a lógica do grupo com o qual está trabalhando, a maneira peculiar com a qual os sujeitos da pesquisa explicam para si e para os outros os fatos de sua vida.

Palavras-chave: pesquisa qualitativa; trabalho de campo; corpo; saúde; doença

No intrigante livro *Vocês, brancos, não têm alma: histórias de fronteiras* (2002), o antropólogo brasileiro Jorge Pozzobon narra uma história engraçada, com ares de tragicomédia, que muito pode contribuir para uma reflexão sobre a especificidade da pesquisa qualitativa. Se nos ensaios antropológicos procura-se traduzir o ponto de vista pessoal para a linguagem genérica da análise científica, a narrativa adotada por Pozzobon em seu livro faz exatamente o contrário. Ele parte de uma análise de fundo científico para apresentar experiências vividas em seu trabalho de campo, fazendo com que prevaleça em sua narrativa o tom pessoal ou o ponto de vista do próprio pesquisador, como é recorrente nas análises antropológicas.

A primeira narrativa do livro de Pozzobon se chama *Primatas* e trata da experiência de pesquisa da primatóloga norte-americana Jane Smith, que veio ao Brasil, em data não indicada, para estudar o cotidiano de uma nação indígena segundo os métodos da Biologia. A nação indígena se chama Maku, povo semi-nômade do Noroeste amazônico (estado do Amazonas), que vive no centro da mata, baseando sua ali-

mentação em atividades de caça e coleta. O principal objetivo da pesquisa era estudar as relações de troca entre os Maku e os outros índios do Noroeste amazônico, especialmente os da nação Tukano que, ao contrário dos semi-nômades Maku, são agricultores ribeirinhos. Jane Smith “pretendia provar cientificamente que o comércio entre os Tukano e os Maku era uma relação simbiótica, como a que existe entre algumas espécies de pássaros e jacarés” (2002: 17). Como alcançar tal objetivo? Como provar cientificamente a relação de troca entre uma nação indígena semi-nômade e uma nação indígena agricultora ribeirinha, cuja distância entre as aldeias gira em torno de quatro a cinco horas por dentro da mata?

Ao apresentar seu projeto de pesquisa de doutorado na Universidade de Colúmbia, nos Estados Unidos, Jane Smith recebeu críticas de alguns antropólogos, colegas de universidade. Diziam eles que não parecia politicamente correto permitir que uma primatóloga estudasse o comércio entre dois grupos humanos, os Maku e os Tukano, como se fossem espécies animais distintas. Estudar a relação simbiótica como a que existe entre algumas espécies de pássaros e os jacarés, por exemplo, era uma coisa. Enquanto os répteis ficam de boca aberta, os pássaros aproveitam para comer os restos de comida que ficam entre os dentes dos jacarés. Conforme brinca Pozzobon, “os pássaros têm comida fácil e os jacarés não precisam ir ao dentista” (2002: 18). A relação simbiótica aí é evidente, mas não mediada por nenhum tipo de simbolismo, pelo menos para os animais. Em se tratando de seres humanos, diziam os antropólogos, as coisas se complicam bastante. Tais críticas, porém, não foram suficientes para convencer o chefe de departamento de Biologia, além da própria Jane Smith, dos riscos que a adoção de tal perspectiva acarretaria. Afinal, para a pesquisadora, se os seres humanos são animais complicados, nem por isso escapam aos determinismos da natureza. E ela estava bastante convencida de que sua graduação em Ciências Biológicas e seu mestrado em Primatologia lhe dariam as ferramentas científicas necessárias para compreender as relações de troca entre os Maku e os outros índios do Noroeste amazônico, segundo os métodos da Biologia.

Munida do referido instrumental científico, Jane Smith tratou de formular o método que utilizaria para alcançar seu objetivo maior, lembre-se, provar a suposta relação simbiótica do comércio entre os Tukano e os Maku. Para isto, os “métodos objetivos” adotados pela pesquisadora foram os seguintes (Pozzobon, 2002: 17):

1. Classificar e pesar a refeição matinal de cada caçador;
2. Submeter os índios ao uso de um medidor calórico, semelhante a uma máscara cirúrgica, que os índios usariam quando fossem caçar;
3. Pesar os animais caçados pelos índios;
4. Submeter os índios a uma série de perguntas sobre as técnicas de caça utilizadas;
5. Pesar os excrementos dos índios.

Com relação ao primeiro método, os índios apenas riam quando a bióloga se dispunha a pesar sua refeição matinal. Da mesma forma, eles aceitavam o uso do medidor de dispêndio calórico, apesar de que geralmente os medidores voltavam estragados, com resto de tabaco ou frutas, ou enfiados dentro das tangas e já não mediam coisa alguma. Por outro lado, se achavam divertido falar das técnicas de caça, aborreciam-se por ter que responder perguntas cujas respostas poderiam ser deduzidas das respostas anteriores.

O que realmente incomodou os índios Maku no “método científico” adotado por Jane Smith foi a idéia de pesar seus excrementos. Mas ela só pôde perceber isto quando, ao acordar certo dia, se viu sozinha na aldeia. Os índios haviam desaparecido. Quando sua última lata de “corned beef” acabou, a pesquisadora decidiu ir atrás deles. Ela já estava sozinha na aldeia há dias, falava sozinha, não trocava de roupa nem tomava banho. As páginas de seu diário de campo faziam as vezes de papel higiênico. Catava formigas para comer e tinha crises de choro. Depois de dormir ao relento e de andar em círculos no meio da mata, Jane Smith, toda picada de insetos, adoeceu.

Depois de um longo sono, acordou dentro de uma maloca de índios Tukano. Ao reclamar que os Maku tinham ido embora, deixando-a sozinha no meio da mata, ouviu dos Tukano que os Maku são assim mesmo, eles fogem para a mata toda vez que ficam com raiva e ficam lá até a raiva passar. Intrigada, Jane Smith perguntou por que os eles estariam com raiva. Neste momento, o índio mais velho entre os Tukano se aproximou e lhe disse: “Olha, dona, alguns deles passaram por aqui e nos contaram que a senhora andava catando a merda deles”. Outra velha índia, desconfiada, perguntou: “O que é que a senhora queria com aquela merda toda? Era pra fazer feitiço?”. Um indiozinho que ouvia a conversa, resumiu a perspectiva Tukano em poucas palavras: “merda é merda” (Pozzobon, 2002: 19).

Mais do que uma história engraçada, a situação vivida por Jane Smith nos permite discutir sobre a especificidade da pesquisa qualitativa.

va, pois apesar de sua presunção de estar realizando uma pesquisa com métodos puramente objetivos, seu equívoco maior foi não ter atentado para a dimensão qualitativa de sua pesquisa.

Dada a necessidade de definir o que se compreende por pesquisa qualitativa, trabalha-se neste artigo com a noção formulada pela antropóloga Maria Cecília de Souza Minayo, que define pesquisa social como sendo todos os tipos de investigação “... que tratam do ser humano em sociedade, de suas relações e instituições, de sua história e de sua produção simbólica. Como quaisquer fenômenos humanos, investigações sociais estão relacionadas a interesses e circunstâncias socialmente concatenadas”. (2006: 47)

Ora, se nas pesquisas qualitativas a realidade dos fatos está inteiramente permeada pelo campo simbólico e afetivo, a noção de “método objetivo” não pode ser pensada enquanto possibilidade de isenção de envolvimento afetivo por parte do pesquisador. Isto implica em dizer que nas pesquisas qualitativas, o material com o qual o pesquisador trabalha não é meramente “coletado”, mas sim construído na relação entre pesquisador e sujeito da pesquisa. Conforme lembrou James Clifford, “tornou-se necessário imaginar um mundo de etnografia generalizada. Com a expansão da comunicação e da influência intercultural, as pessoas interpretam os outros, e a si mesmas, numa desnorteante diversidade de idiomas” (1998: 18). Todos nós observamos e, ao mesmo tempo, somos observados. O conhecimento que produzimos sobre o outro é produzido em relação. Dessa mesma relação surge um conhecimento que o outro produz sobre nós, ao qual geralmente não temos acesso.

Segundo Roberto Cardoso de Oliveira (1996), os três momentos ou etapas da apreensão dos fenômenos sociais feita pelo antropólogo são o “olhar”, o “ouvir” e o “escrever”. Com relação ao “olhar”, o autor diz que nossa maneira de ver a realidade influencia previamente o modo como dirigimos nosso olhar para o objeto de nossa pesquisa. Algo semelhante ocorre quanto ao “ouvir”, pois a teoria social que adquirimos durante nossa formação acadêmica também pré-estrutura nosso olhar. É no momento de “escrever” que, de fato, o antropólogo cumpre sua mais alta função cognitiva, iniciando propriamente o processo de textualização dos fenômenos sócio-culturais observados no campo. De certo modo, as reflexões de Cardoso de Oliveira sobre o trabalho do antropólogo podem ser estendidas para todas as pesquisas que ensejam uma abordagem qualitativa.

Minayo lembra que “... a interação humana numa situação de *entrevista*, por exemplo, não é simplesmente um trabalho de coleta de dados, mas sempre uma relação na qual as informações dadas pelos sujeitos podem ser profundamente afetadas pela natureza desse encontro” (2006: 210). Além disso, muitas vezes se usa de forma inadequada a expressão “coleta de material”, que no senso comum está associada a procedimento tais como coleta de sangue, de fezes ou de urina, por exemplo, principalmente em se tratando de pesquisa qualitativa na área da saúde. Nesse sentido, o simples uso do termo “coleta de material” no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), por exemplo, pode gerar confusão ou desconfiança entre os sujeitos da pesquisa.

Faz parte do processo de construção dos dados na pesquisa qualitativa o convencimento dos sujeitos, a conquista da confiança dos interlocutores. Desde o início da pesquisa se estabelece uma série de negociações que podem facilitar ou não o acesso ao universo do entrevistado. Como conquistar a confiança dos sujeitos afirmando no TCLE de uma pesquisa qualitativa em saúde que “os materiais a serem utilizados para a coleta de dados serão descartáveis”? Se, como vimos acima, a expressão “coleta” tem um sentido específico no senso comum, não podemos partir do princípio de que nossos sujeitos dominam claramente o significado atribuído pela academia ao termo “dados”.

De outra forma, como convencer o sujeito sobre a relevância de uma pesquisa fazendo-o afirmar no TCLE que “a minha participação neste projeto contribuirá para acrescentar à literatura dados referentes ao tema...”? Não se trata aqui de defender a idéia de que os sujeitos desconhecem estes termos. Ao contrário, trata-se de afirmar que eles os conhecem, mas geralmente atribuem a eles significados diferentes. Se consultarmos o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, por exemplo, veremos que dentre os dez significados atribuídos ao termo “literatura”, apenas o 9º se aproxima do sentido geralmente utilizado nos projetos de pesquisa. Diz então o dicionário que “literatura” corresponde à “Bibliografia” e, sem conceituar, dá um exemplo: “Já é bem extensa a literatura da física nuclear” (Ferreira, 1986: 1040). Todos os demais exemplos estão ligados à idéia da literatura como atividade dos chamados “homens de letras” ou atividade literária. Isto pode ser um indicativo das enormes chances que tem um pesquisador de fazer os sujeitos de sua pesquisa assinarem em baixo de termos e noções que desconhecem ou que conhecem e utilizam com significados diferentes daqueles que são convencidos a assinar.

O que torna mais complexo o objeto de estudo das pesquisas qualitativas na área da saúde é exatamente o fato de que o corpo humano está marcado por determinações sociais. Isto implica em dizer que as noções de saúde e doença interferem tanto no corpo quanto no imaginário social dos sujeitos e tanto as interferências no corpo quanto as interferências no imaginário ou simbólicas são reais em suas conseqüências. Conforme afirmou Minayo, “... todas as ações clínicas, técnicas, de tratamento, de prevenção ou de planejamento devem estar atentas aos valores, atitudes e crenças das pessoas a quem a ação se dirige” (2006: 31). Dessa forma, é inconcebível o pesquisador afirmar, ou melhor, fazer o sujeito de sua pesquisa concordar que uma pesquisa que trata das conseqüências do abuso sexual infantil “não colocará em risco sua saúde física e mental” ou que “não causará nenhum desconforto”, como se fosse possível narrar uma experiência de abuso sexual sem reviver o trauma, sem sentir novamente as dores, ainda que o narrador não seja diretamente a criança vítima de abuso sexual, mas o pai ou a mãe, por exemplo. O pesquisador que parte do princípio de que este tipo de pesquisa não apresenta riscos à saúde dos sujeitos certamente ficará embaraçado diante de uma eventual crise de choro que possa acometer o sujeito durante a entrevista. A forma básica de evitar este tipo de constrangimento é fazer um esforço de colocar-se no lugar do outro.

A bióloga Jane Smith experimentou o fracasso em sua pesquisa exatamente por desconsiderar estas questões. Se os Maku não compreendiam os significados que a ciência ocidental atribuía aos excrementos humanos, nem por isso eles deixavam de teorizar sobre isto. Desde os primeiros registros das lendas indígenas brasileiras, feitos no século XIX, pode-se perceber o simbolismo do excremento, como na lenda *O jabuti e a anta do mato*, recolhida entre índios falantes de língua Tupi (Henrique, 2003). Na versão registrada por Charles Frederik Hartt, depois de se envolver em uma briga com a anta e de ser pisado por esta, o jabuti sai à procura dela e se depara com “uma massa de excrementos da anta coberta de relva”. O jabuti então conversa com os excrementos, indagando sobre o paradeiro de sua dona e os excrementos lhe respondem. Comentando este episódio, Câmara Cascudo diz que “[p]ela lei da contigüidade psíquica (...), o excremento ainda faz parte do corpo da anta, ligado por invisíveis e permanentes contigüidades mágicas. Tem o dom da voz e a consciência do estado (...)” (Câmara Cascudo, *apud* Hartt, 1952: 61). São estas “contigüidades mágicas”, presentes nas cren-

ças e em narrativas indígenas de outras partes do mundo,¹ que permitem ao jabuti indagar os excrementos sobre o paradeiro de sua dona.

Voltando para o episódio envolvendo a bióloga Jane Smith, estas mesmas “contigüidades mágicas” podem nos ajudar a compreender a reação dos índios Maku, fugindo para a mata por causa daquela branca estranha que lhes pesava os excrementos. Apesar do comentário do pequeno curumim de que “merda é merda”, a velha índia Tukano levanta a suspeita de que Jane Smith poderia estar “catando merda” para fazer feitiço. E este descaso pelos valores e crenças do grupo que ela se propôs a estudar lhe custaram sua pesquisa e quase sua própria vida. Mesmo entre as populações não-indígenas da Amazônia, pode-se encontrar elementos que remetem a crenças nas referidas “contigüidades mágicas”. Nesse sentido, é comum entre as populações do interior da Amazônia, por exemplo, a crença de que se alguém colocar pimenta nos excrementos deixados por outra pessoa a céu aberto, esta última sentirá na região anal os ardores causados pela pimenta.

Muitas outras técnicas corporais (Mauss, 1974) na Amazônia estão sujeitas a interferências simbólicas. Assim, dentre os fenômenos atinentes à saúde e à doença na região que, por estarem marcados por uma singularidade cultural exigem pesquisa qualitativa, podemos citar a crença na “panema”, as gestações atribuídas ao “boto”, a crença no assombrado de bicho (Maués, 1995), entre outros. E se enganam aqueles que pensam que tais crenças estão circunscritas ao interior, pois elas estão bastante arraigadas numa parcela significativa da população das capitais amazônicas.

De certa maneira, todos nós, pesquisadores, tivemos ou teremos nosso dia de Jane Smith. Entre 8 e 22 de setembro de 1998, por exemplo, acompanhei o trabalho de técnicos da Secretaria Estadual de Educação (SEDUC) à Escola Indígena de Educação Infantil e Ensino Fundamental Wai-Wai, no Posto Indígena Mapuera, a 1.100 Km de Belém. Nessa ocasião, um grupo de professores indígenas Wai-Wai seria submetido a uma prova elaborada pelos técnicos da SEDUC. Nunca apaguei de minha memória o último aluno a concluir a prova de Português. O meticuloso professor indígena não queria entregar a prova sem resolver a questão que me pareceu ser das mais difíceis de serem resolvidas em sua vida: “qual é o feminino de boi?”.

Lá pelas tantas, todos os demais professores indígenas já haviam se retirado e nós, cansados e com fome, nos propusemos a ajudar o professor Francisco a resolver a questão. “Francisco, sabe o cachorro? Como

é o nome da mulher do cachorro?” perguntava um. Outro dizia: “O galo não tem mulher? Como é o nome da mulher do galo?”. “Pois então, como é o nome da mulher do boi?”, perguntávamos já desesperados. Quando já estávamos quase desistindo, ele olhou para nós e disse: “eu só sei fazer boi!”.² Só depois disso uma das professoras da SEDUC suspeitou que na cultura do grupo, o costume é vir o feminino por primeiro, sendo que a pergunta estava mal formulada. Ao invés de perguntarmos “qual o feminino do boi”, deveríamos ter perguntado “qual o masculino da vaca?”. Também entendemos melhor que em função de perguntas mal formuladas, os professores indígenas chegavam a respostas “erradas” no teste a que eram submetidos na prefeitura de Oriximiná, onde freqüentemente eram reprovados e taxados de “burros”.

Nas pesquisas qualitativas é fundamental, portanto, tentar compreender a lógica do grupo, o “ponto de vista dos nativos” (Malinowski: 1978; Geertz: 1998), a maneira peculiar com a qual os sujeitos da pesquisa explicam para si e para os outros os fatos de sua vida. Não para substituir nossas crenças pelas deles, mas para perceber que mesmo as crenças que para nós soam como as mais absurdas do mundo, possuem lógica própria que pode ser desvendada e que tem sentido. De certa forma, o sucesso das pesquisas qualitativas depende de nossa disposição em colocar-se no lugar do outro, de tentar ver o mundo com os olhos dos sujeitos que escolhemos para pesquisar. Ora, se as crenças dos sujeitos de nossas pesquisas não devem ser descartadas *a priori* como absurdas, isto implica em dizer que as pesquisas qualitativas trabalham com outra noção de verdade. Mais do que verdades que possam ser construídas a partir da identificação de leis gerais, o que as pesquisas qualitativas buscam são significados e as lógicas que os presidem.

Colocar-se no lugar do outro implica na necessidade de exercitar o chamado “estranhamento”. Exemplar, nesse sentido, é a reflexão feita pelo filósofo Michel Foucault, ao justificar o deslocamento teórico que precisou fazer em seu projeto de uma “História da sexualidade”. Ao discorrer sobre as modificações que teve que fazer no percurso de sua pesquisa, diz ele que todos os seus esforços são feitos no sentido de “... mudar-se a maneira de ver, para modificar o horizonte daquilo que se conhece e para tentar distanciar-se um pouco” (1984: 15). De fato, esse distanciamento é a chave da questão! Nas pesquisas qualitativas, é necessário distanciar-se de si mesmo, das coisas que estamos acostumados a ver diariamente e, mais precisamente, é necessário nos distanciarmos da maneira como estamos habituados a ver as coisas que vemos

diariamente. Esse ato de tomar distância das coisas Foucault compara com uma viagem e, para ele, “a viagem rejuvenesce as coisas e envelhece a relação consigo mesmo” (1984: 15). Em outras palavras, quando se viaja, conhece-se outros mundos, outras formas de agir e de pensar, outras concepções do que significa a felicidade, a vida, a morte, etc. Por isso, “a viagem rejuvenesce as coisas”.

Por outro lado, o conhecimento desses “outros” faz com que se adquira mais experiência, com que se amadureça as próprias idéias, daí porque, a viagem “envelhece a relação consigo”. Não se consegue mais olhar para as coisas como se olhava antes, pois agora se sabe que existem outras respostas possíveis para as mesmas questões que se enfrenta no dia-a-dia. É nesse sentido que Foucault diz que a viagem é uma experiência modificadora de si mesmo. O leitor mais acostumado com as discussões antropológicas dirá que essas reflexões do filósofo francês sobre o distanciamento são recorrentes na Antropologia desde o início dessa ciência. É verdade! Mas é preciso lembrar que a “atitude antropológica” não é uma exclusividade dos antropólogos e que Foucault foi um dos teóricos fundamentais para a renovação de temáticas de pesquisa nas chamadas Ciências Humanas.

Pensar assim constitui um eficiente instrumento de controle de nossa arrogância científica. Não se deve jamais partir do princípio de que o outro não sabe ou de que ele é incapaz de compreender. Nesse sentido, Minayo aponta para a crítica feita às abordagens quantitativas que sacrificam os significados: “... geralmente, os quantitativistas trabalham apriorística e preconceituosamente, tomando como familiar os fenômenos que observam, sem levar em conta os sentidos que os fatos e as coisas têm para os sujeitos que os vivem” (2006: 210). O grande desafio nas abordagens qualitativas é transformar o exótico em familiar, mas também proceder no sentido inverso, transformando o familiar em exótico, desnaturalizando categorias de forma a perceber como elas foram construídas e sob que bases elas se sustentam (Velho: 1978).

Num projeto de pesquisa que tenha como objetivo, por exemplo, analisar a intervenção do fonoaudiólogo junto a recém-nascidos pré-termos, o pesquisador enriquecerá sua compreensão se, além de perguntar à mãe se houve a intervenção do fonoaudiólogo junto a seu bebê, tentar compreender a que tipo de classificação corresponde a expressão “fono” utilizada costumeiramente pelas mães para se referir àquele profissional. Qual a lógica que preside a redução vocabular da palavra fonoaudiólogo para “fono”? De que maneira esta lógica diferencia para as mães este profissional

dos demais que têm acesso aos bebês? Dessa forma, a pesquisa qualitativa permite, ao mesmo tempo, identificar e analisar nos fenômenos sociais as regularidades, as frequências, mas também perceber as relações, histórias, representações, pontos de vista e lógica interna dos sujeitos em ação.

Para o espanto dos que ainda sustentam concepções positivistas de pesquisa, preocupados com a identificação de verdades absolutas que se traduzem em números, nas pesquisas qualitativas até mesmo as mentiras podem ter significados, como bem o demonstrou Janaína Amado em seu instigante texto “O grande mentiroso” (1995). Ao pesquisar sobre a Revolta do Formoso, um movimento social de posseiros ocorrido em Goiás, entre 1950 e 1960, a historiadora Janaína Amado se encantou com o depoimento de Fernandes (nome fictício), que ela entrevistou em 1979. Além de estar disposto a falar, o sujeito demonstrava excelente memória, lembrando detalhadamente de nomes, seqüência de eventos e de mínimos detalhes sobre a revolta. Literalmente encantada, a historiadora gravou 16 horas de entrevista, sem roteiro prévio. Mas tal foi sua decepção quando, ao confrontar o depoimento de Fernandes com os de outras pessoas e com documentos escritos, descobriu que a maioria das informações que ele lhe prestou eram “mentirosas”.

Mais tarde, querendo entender porque se deixou enganar tão facilmente por um entrevistado, Janaína Amado percebeu que a narrativa de Fernandes era uma recriação da obra *Dom Quixote de la mancha*, escrita por Miguel de Cervantes entre 1605 e 1615. O livro e a história circulavam pelos povoados mais antigos de Goiás havia mais de duzentos anos, desde o século XVIII e era comum os moradores relacionarem as passagens do livro às suas próprias histórias de vida. Dessa forma, Janaína Amado concluiu que “longe, portanto, de ser um grande mentiroso, Fernandes verbalizara, em seu depoimento, eventos, imagens, símbolos, raciocínios, e sentimentos profundamente enraizados na memória coletiva de sua região e grupo social de origem” (1995: 130-131).

A experiência vivenciada por Janaína Amado lança luz sobre dado importante para os pesquisadores que se aventuram na pesquisa qualitativa e fazem uso de entrevistas. Assim como qualquer documento histórico, as entrevistas devem ser submetidas a contraprovas e análises, pois elas também estão carregadas de dimensão simbólica. A entrevista “não lança luz diretamente sobre os fatos mas (...) permite (...) compreender os diversos significados que indivíduos e grupos sociais conferem às experiências que têm” (Amado, 1995: 135). De tudo isso se depreende que depoimentos desprezados por muitos pesquisadores por serem “mentirosos”, por não promoverem reconstituições históricas fi-

dedignas dos fatos pesquisados, podem conter dimensões simbólicas extremamente importantes. Se a narrativa do entrevistado é incompleta, ou se ela não é fiel aos fatos, cabe ao pesquisador refletir sobre em que condições a narrativa foi produzida, articular as informações, inserindo-as em seu contexto histórico, relacional, social e sempre buscando a lógica interna do grupo em questão.

Num tipo de método em que não é possível seguir a regularidade das respostas, já que elas são tão variadas quanto a quantidade de pessoas entrevistadas, onde estaria então a cientificidade do método qualitativo? Na pesquisa qualitativa a regularidade não se dá por somatório de depoimentos. O que define a relevância da abordagem qualitativa não é o número de entrevistas realizadas, pois muitas vezes a questão suscitada pela pesquisa está presente na fala de alguns poucos entrevistados. Mais do que com a generalização dada por determinado número de entrevistas, na abordagem qualitativa o pesquisador deve se preocupar com “o aprofundamento, a abrangência e a diversidade no processo de compreensão, seja de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma política ou de uma representação” (Minayo, 2006: 196-197). A relevância da pesquisa qualitativa não está associada ao maior ou menor número de entrevistas realizadas, mas sim à capacidade do pesquisador em perceber a lógica ou mesmo as lógicas próprias do grupo. Conforme definiu Minayo, “pode-se considerar que *uma amostra qualitativa ideal* é a que reflete a totalidade das múltiplas dimensões do objeto de estudo” (2006: 197, grifos do original).

Qual a legitimidade científica de se considerar a fala do indivíduo como representativa da fala do grupo? Nas pesquisas qualitativas, parte-se do princípio de que “tanto o comportamento social como o individual obedece a modelos culturais interiorizados, ainda que as expressões pessoais apresentem sempre variações em conflito com as tradições” (Minayo, 2006: 208).

Disso resulta a necessidade, nas pesquisas qualitativas, do pesquisador estar aberto para discutir, sempre que preciso ou que for requisitado, seus próprios procedimentos de pesquisa adotados com os sujeitos envolvidos. É necessário evitar a postura arrogante e anti-ética de quem diz que sabe o que é melhor para o outro, devendo este apenas obedecer a vontade iluminada do pesquisador. Por isso também, é recorrente na apresentação de resultados das pesquisas qualitativas éticas, a descrição de como surgiu a questão que deu origem à pesquisa, a gênese da problemática, além da descrição das negociações que foram necessárias à “coleta” ou produção dos dados (Silva: 2006).

Hoje é comum o reconhecimento da contribuição da Antropologia para o setor saúde, na medida em que diversos estudos antropológicos mostraram que

a doença, a saúde e a morte não se reduzem a uma evidência orgânica, natural, objetiva, mas que sua vivência pelas pessoas e pelos grupos sociais estavam intimamente relacionadas com as características de cada sociedade: a doença, além de sua configuração biológica, é também uma realidade construída e o doente é um personagem social (Minayo, 2006: 239).

Antes disso, a Antropologia contribuiu com uma nova concepção do corpo humano, pensado enquanto entidade biológica e, ao mesmo tempo, cultural. Ao afirmar que “[o] corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem” Marcel Mauss (1974: 217) chamou a atenção para o fato de que o corpo é marcado por “técnicas aprendidas socialmente”, delimitando o processo que ele chamou de “habitus”. Técnicas corporais, portanto, seriam “... as maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos” (1974: 211). A percepção do corpo como entidade ao mesmo tempo biológica e cultural, é idéia base nas pesquisas qualitativas.

Para finalizar, convém lembrar que pesquisas qualitativas e quantitativas não são auto-excludentes por princípio e o uso concomitante de ambas depende da habilidade do pesquisador e da disposição em rever constantemente seus próprios princípios e crenças metodológicas. Talvez assim, nossos dias de Jane Smith, se não fossem de todo evitáveis, seriam tão poucos que não ameaçariam nossas pesquisas.

Notas

- 1 Câmara Cascudo indica que num conto popular relatado por Stith Thompson, saliva, unhas e cabelos aparecem conservando a união com o todo de onde saíram, inclusive advertindo-o e alertando-o. Conferir as notas de CÂMARA CASCUDO em HARTT, 1952, 61.
- 2 Os Wai Wai não tem a letra v em seu alfabeto, daí o índio ter dito faca ao invés de vaca.

Referências

AMADO, J. “O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral”. *História*. São Paulo: UNESP, v. 14, pp. 125-136, 1995.

- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. "O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever". In: *Revista de Antropologia*. Vol. 39, N° 1, pp. 13-17, 1996.
- CLIFFORD, J. *A experiência etnográfica*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.
- FERREIRA, A. B. de H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2ª edição, revista e ampliada, 1986.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade 2: O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- GEERTZ, C. "Do ponto de vista dos nativos: a natureza do entendimento antropológico". In: *O saber local, novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, pp. 85-107, 1998.
- HARTT, C. F. *Os mitos amazônicos da tartaruga*. Recife: Arquivo Público Estadual, 1952.
- HENRIQUE, M. C. *O general e os tapuios: linguagem, raça e mestiçagem em Couto de Magalhães (1864-1876)*. Belém, dissertação, PPGCS/UFPA, 2003.
- MALINOWSKI, B. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril, Coleção "Os Pensadores", 1978.
- MAUÉS, R. H. *Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesástico*. Belém: CEJUP, 1995.
- MAUSS, M. "As técnicas corporais". In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU, pp. 209-233, 1974.
- MINAYO, M. C. de S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, 2006.
- POZZOBON, J. *Vocês, brancos, não têm alma: histórias de fronteiras*. Belém: EDUFPA: MPEG Editoração, 2002.
- SILVA, V. G. da. *O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- VELHO, G. "Observando o familiar". In: NUNES, E. de O. *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, pp. 36-46, 1978.

Abstract: In this article it is made a discussion about the specificity of the qualitative researches, especially considering the concerning phenomena to the health and the disease in the Amazonian area that, marked by a cultural singularity, they demand qualitative research. Starting from the report of situations lived in fieldwork researches, the researcher's importance is emphasized on how understand the logic of the group in which is working, the peculiar way the subject of the research explain to itself and for the other ones the facts of life.

Key words: *Qualitative research; Fieldwork; Body; Health; Disease*

* Este artigo surgiu a partir de palestra proferida no Curso de Metodologia Científica da Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará, Belém, 22 de setembro de 2008. Na referida instituição, exerci a função de historiador e fui membro do Comitê de Ética em Pesquisa. Agradeço a Anna Maria Linhares pela leitura e sugestões.

** Doutor em Antropologia, professor da Faculdade de História e do Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, da Universidade Federal do Pará.